

Átila: empréstimo foi vantajoso

O governo está procurando uma forma de atenuar o impacto da maxidesvalorização sobre as empresas que tomaram empréstimos em dólar — afirmou ontem em entrevista à **Rádio Jovem Pan** o porta-voz da Presidência da República, Carlos Átila. Entretanto, acrescentou que as empresas pediram empréstimos em dólar porque as taxas de juros nessas operações estão mais baixas do que nas operações com cruzeiros. "Ninguém foi compelido a tomar empréstimos em dólar. Tomou porque financeira e empresarialmente era a melhor opção", acrescentou Átila. Para ele, se o empresário pediu empréstimo em dólares, fez isso porque "era um bom negócio e negócio implica riscos". Segundo o porta-voz, o governo sabe, porém, que provavelmente não estava nos planos de quem tomou esses recursos a hipótese de uma máxi de 30%. A medida também não era cogitada pelo governo — assegurou —, e foi tomada depois de uma avaliação das exportações brasileiras nos dois primeiros meses do ano e, se a máxi não fosse adotada, o País não teria "condições de aumentar as exportações". Mas há "um desejo do governo de encontrar uma solução para amparar as pequenas e médias empresas, os empresários que tomaram esses recursos" — acrescentou.

REAÇÃO POPULAR

Sobre as constantes reclamações contra a alta do custo de vida e a reação popular à máxi, Átila disse que a desvalorização de 30% foi "uma decisão difícil e penosa" porque quando se escolhe uma prioridade, há repercussões indesejáveis em outros setores. Mas, para ele, o Brasil enfrenta este ano um duplo problema: manter o nível de emprego e fechar o balanço de pagamentos e para isso precisa obter um saldo po-

sitivo na balança comercial de seis bilhões de dólares. As exportações terão de ser aumentadas para se alcançar essa cifra, "senão não conseguiremos fechar o balanço de pagamentos, a não ser tomando novos empréstimos, coisa que o governo deseja evitar em benefício do País", afirmou.

Átila disse ainda que com a máxi o exportador terá uma renda maior, mas há também dois efeitos indesejáveis: aumento das dívidas de quem tomou empréstimos em dólar e encarecimento das importações. Na sua opinião, porém, os componentes importados que entram no custo de produção no Brasil, atualmente, "são muito menores do que eram há anos passados". Há ainda uma alta porcentagem de petróleo importado — disse — mas a produção nacional de óleo dobrou no governo Figueiredo, a de álcool aumentou e na área de insumos agrícolas "há uma independência muito maior" em relação aos produtos comprados no Exterior.

ALTA PSICOLÓGICA

Segundo Carlos Átila, há muitos produtos que "às vezes sobem por efeitos psicológicos". Explicando esse ponto de vista, afirmou: "Quando não há uma relação direta de custo entre os componentes que são usados na produção de um produto e a alta de preços de insumos, por exemplo no caso de importados, então os insumos que você usa na produção daquele produto final que você vai vender não sofreram qualquer aumento em função da maxidesvalorização".

Quanto à ausência de justificativas do presidente João Figueiredo para a máxi, Átila afirmou que o período atual, que sucedeu às eleições, é de refluxo de atividades, fato normal nos meses de janeiro e fevereiro e que no momento o governo está aguardando uma solução para os pedidos de empréstimos feitos no Exterior, "para voltar a discutir os assuntos". Segundo Átila, Figueiredo está acompanhando essas negociações e com o fim do recesso parlamentar, terça-feira, o governo deverá se pronunciar. Átila também desmentiu mudanças de ministros da área econômica: "Neste momento o presidente não está cogitando de fazer alteração na sua equipe".

MAXI TRIO

